



Congresso Nacional

# *Comemoração do Jubileu de Prata do Pontificado de Sua Santidade o Papa João Paulo II*

*Presidente  
José Sarney*

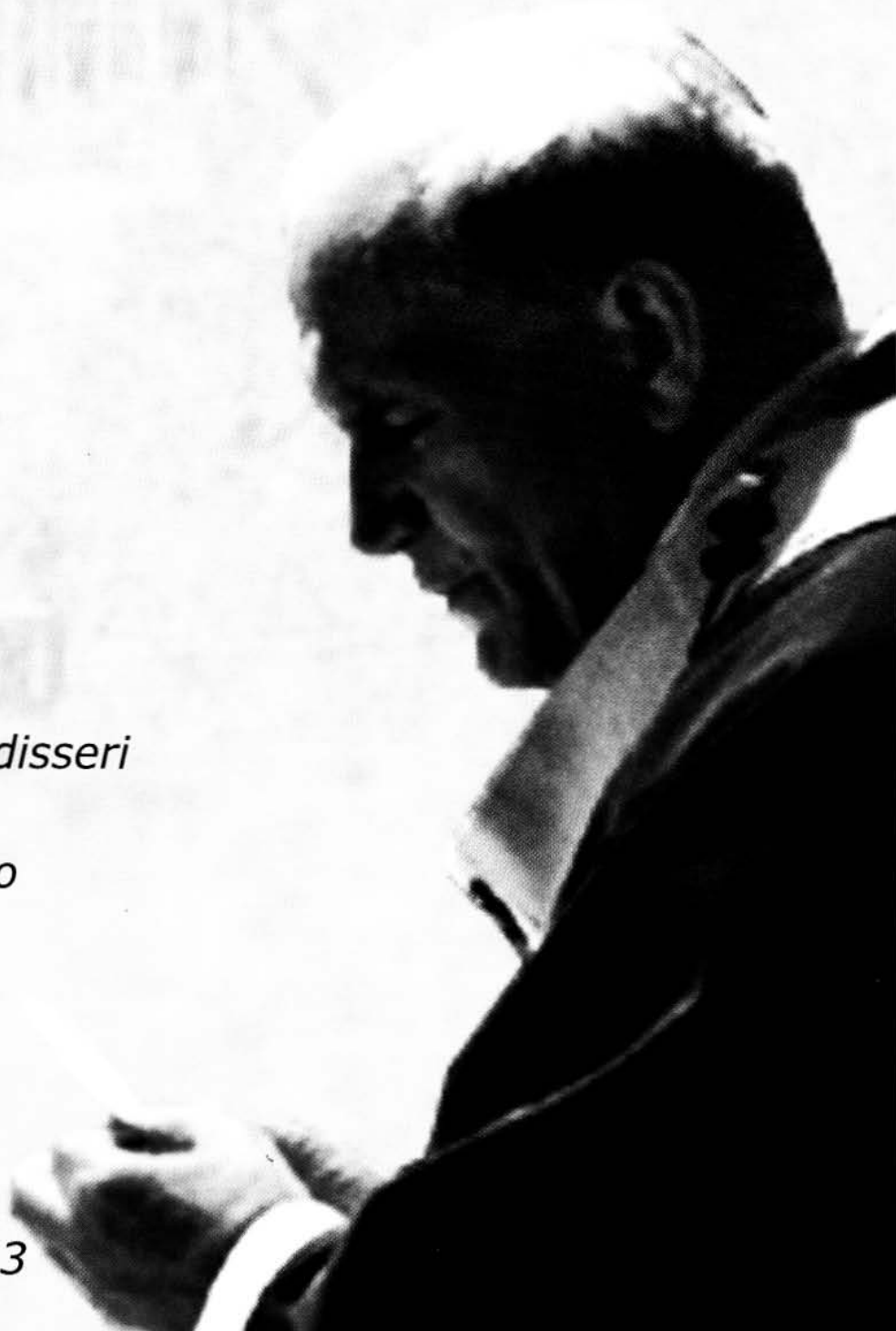
*Deputado  
Osmânio Pereira*

*Senador  
Marco Maciel*

*Núncio Apostólico  
Dom Lourenço Baldisseri*

*Senadora  
Serys Slhessarenko*

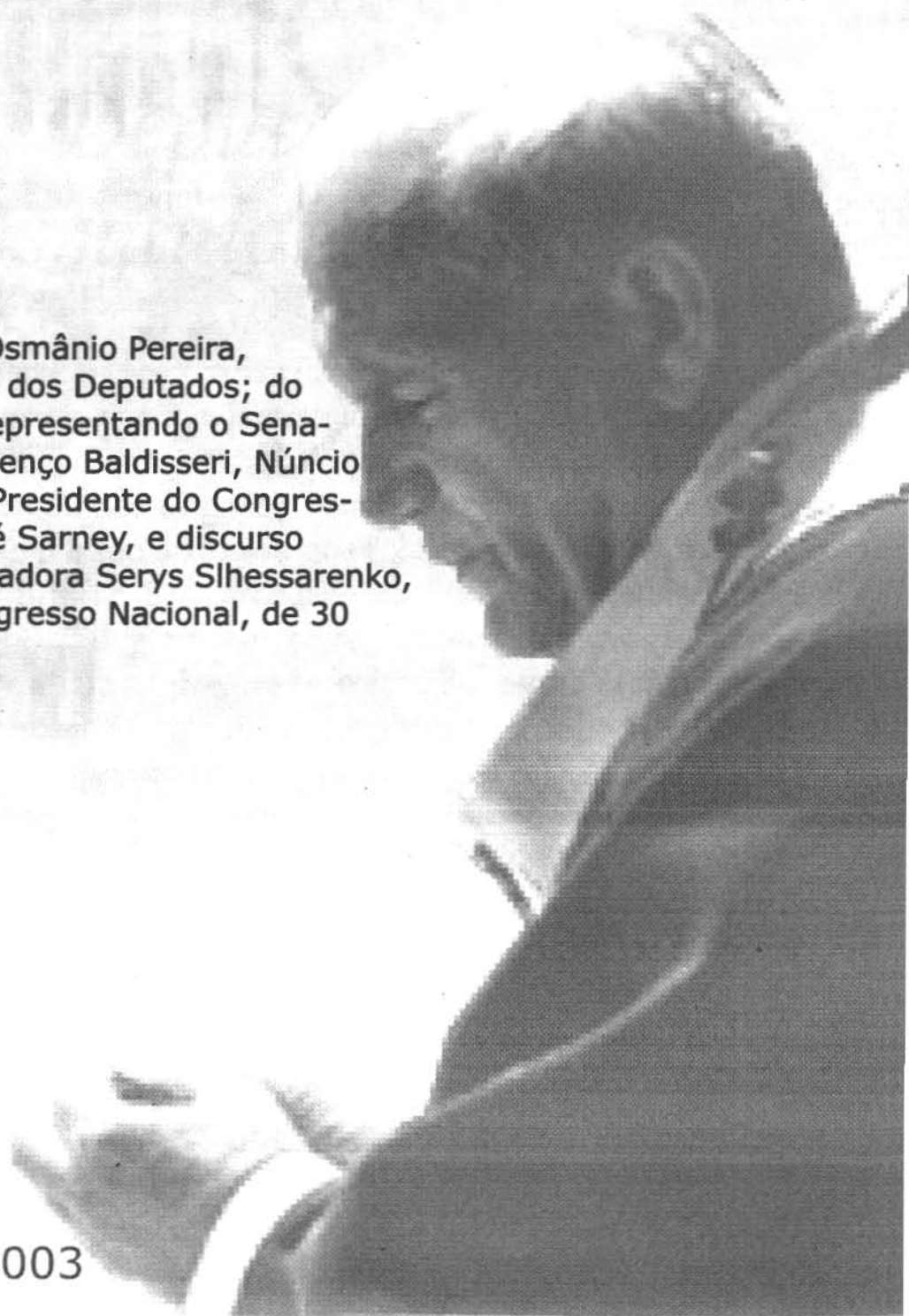
*Brasília - DF - 2003*





# *Comemoração do Jubileu de Prata do Pontificado de Sua Santidade o Papa João Paulo II*

Discursos do Deputado Osmânio Pereira, representando a Câmara dos Deputados; do Senador Marco Maciel, representando o Senado Federal; de Dom Lourenço Baldisseri, Núncio Apostólico no Brasil; do Presidente do Congresso Nacional Senador José Sarney, e discurso enviado à Mesa pela Senadora Serys Slhessarenko, na sessão solene do Congresso Nacional, de 30 de outubro de 2003.







## *Deputado Osmânio Pereira*

Sr. Presidente do Senado Federal, Senador José Sarney; Sr. Deputado Inocêncio Oliveira, aqui representando o Presidente da Câmara dos Deputados, João Paulo Cunha; Cardeal Dom Geraldo Majella Agnelo, Arcebispo Primaz do Brasil e Presidente da CNBB; Sr. Núncio Apostólico Dom Lourenço Baldisseri; Sr. Cardeal Dom Eusébio Scheid, Arcebispo do Rio de Janeiro; Sr. Cardeal Dom José Freire Falcão, Arcebispo de Brasília; Sr. Cardeal Dom Eugênio de Araújo Salles, Arcebispo Emérito do Rio de Janeiro; demais integrantes da Mesa; Srs. Senadores; Srs. Deputados; minhas senhoras e meus senhores, estou profundamente emocionado e feliz por estar aqui, nesta Casa, falando em nome do meu Partido e em nome da Câmara dos Deputados, para homenagear o Jubileu de Prata do Pontificado de Sua Santidade, nosso querido Papa João Paulo II.

Há uma história que, para alguns, parece uma lenda e que, para nós, católicos, é a pura verdade, sobre o nascimento de um menino, em 18 de maio de 1920, numa pequena cidade perto de Cracóvia, na Polônia: segundo se conta, não houve dor naquele dia.

Era mês de Maria. A modesta casa ficava em frente à Igreja de Nossa Senhora, onde se entoavam cânticos marianos. No momento do parto, a mãe pediu à parteira que abrisse a janela, para que os primeiros sons que seu filho ouvisse fossem daqueles hinos. De repente, o quarto se encheu de luz e de música.

Nascia Karol Wojtyla ou Lolus, como o chamava a mãe. Nascia o missionário da paz, o devoto de Maria que, mais tarde, seria o Sumo Pontífice da Igreja Católica Apostólica Romana.

A vida muito lhe exigiu sempre. Órfão de mãe aos nove anos, perdeu também os dois irmãos e o pai. Quando completou 21 anos, não tinha família. Tinha, entretanto, uma fé inabalável. Assim, entrou para o seminário em plena Segunda Guerra Mundial, em 1942, em meio a perseguições. Daí até 1978, foi um tempo de abnegação, de luta pelos menos favorecidos, pela paz, um tempo de evangelização.

Quando, em 16 de outubro de 1978, a fumaça branca ascendeu da chaminé da Capela Sistina e se perdeu no céu cinzento do outono de Roma, estava proclamada a alvissareira notícia da eleição do novo Papa: o Cardeal-Arcebispo de Cracóvia, Karol Wojtyla, o nosso João Paulo II, o Peregrino da Paz.

A multidão ali reunida, entre surpresa e curiosa, ovacionava o Sumo Pontífice que iniciava uma era surpreendente, espelho de seu protagonista.

João Paulo II, naquele dia, foi além da bênção. Surpreendeu a todos, falando de improviso com o povo reunido na praça. Nenhum outro Papa, antes dele, tinha falado sobre a eleição. Ousou mais ainda: confessou que tinha medo e que precisava da ajuda de todos para realizar a sua missão.

Desde o início, não houve dúvida de que a eleição do primeiro Papa eslavo na história da Igreja, de um pastor, não havia sido mero acaso ou singular coincidência, mas sim um desígnio especial da Providência Divina para a Igreja e para toda a humanidade.

Atento às questões sociais e política, o Grande Pastor não se furtou a discutir com os grandes líderes internacionais, tendo sido um dos principais atores nas profundas transformações ocorridas na Europa no final do século XX e neste início do Novo Milênio. O seu apoio e incentivo foram também decisivos no restabelecimento das relações oficiais entre o Vaticano e a ex-União Soviética. A sua luta pela paz é sabida de todos, não havendo um único líder mundial que não tenha ouvido dele recriminações a ações de agressão, como a que se viu e a que se vê contra o Iraque, por exemplo.

Ardoroso defensor da "Grande Europa" crê que ela deve alimentar-se com a riqueza das suas tradições: a cristã-ocidental e a eslavo-ortodoxa.

Crê, também, na "Grande América" e tem envidado esforços para que a fé da América Latina, profundamente religiosa, una-se à riqueza da América do Norte, na construção de uma casa comum americana, onde reine, para todos, a solidariedade e a justiça social.

Durante esses 25 anos, João Paulo II tem-se mostrado o grande defensor dos direitos humanos, da diversidade cultural, da liberdade religiosa, da autonomia dos povos e, sobretudo, da Paz.

Por isso, é o Papa que mais fez viagens internacionais, tendo estado em mais de cem países. Realizou, também, inúmeras visitas pastorais na Itália e em mais de trezentas paróquias da Diocese de Roma.

Além disso, escreveu mais de uma dezena de encíclicas; elevou às honras dos altares mais de 1.000 beatos e mais de 400 novos santos; convocou e presidiu o maior número de Sínodos dos Bispos; teve numerosos encontros com personalidades do mundo político, cultural, científico e religioso; concedeu mais de 1.000 audiências gerais aos fiéis do mundo inteiro, com a participação de mais de 20 milhões de peregrinos.

Ao celebrar 25 anos, o pontificado de João Paulo II torna-se um dos mais longos na história da Igreja, e um dos mais ousados. Uma ousadia que permitiu o reconhecimento, séculos depois, dos erros da Igreja Católica na chamada Idade das Trevas. Ousadia na busca do cumprimento da elevada missão que a Igreja assume perante o homem contemporâneo: libertá-lo de seus medos, defender seus direitos fundamentais contra qualquer tipo de alienação, favorecer a sua promoção tanto na busca da verdade e da liberdade como em direção a um progresso integral, que tenha como pressupostos básicos a justiça, a equidade e a solidariedade.

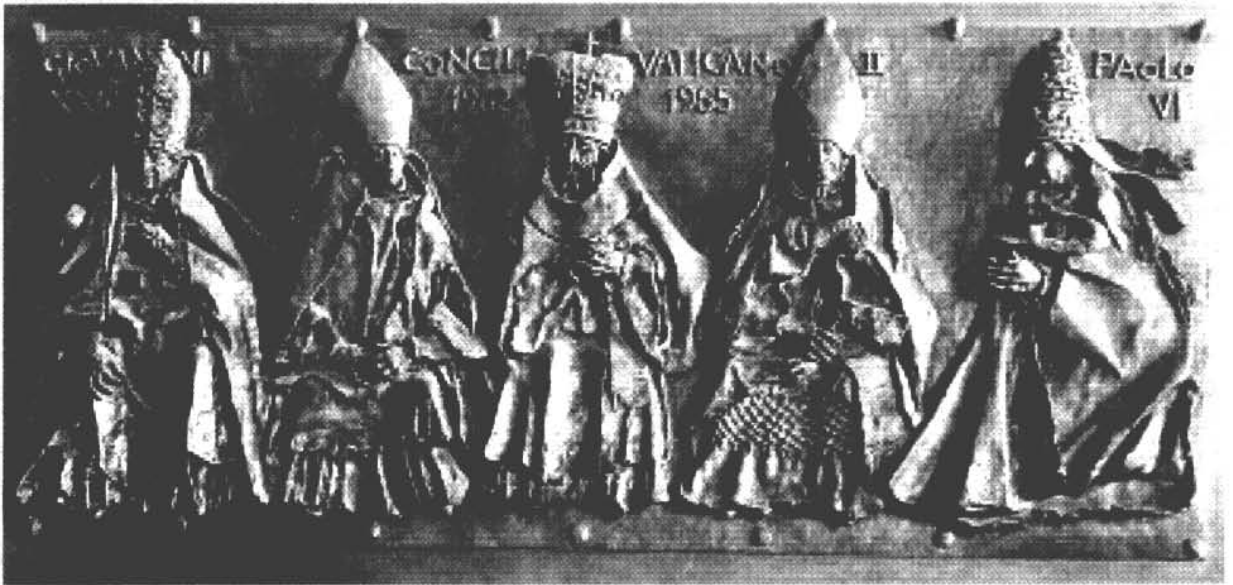
Por último, lembro que, ao afirmar:

Estou persuadido de que as religiões têm hoje, e continuarão a ter, um papel proeminente a desempenhar na conservação da paz e na construção de uma sociedade digna do homem, esse líder nos mostra de onde vem a força que o move, para vencer um atentado, várias cirurgias e o Mal de Parkinson que o debilita. Sua vontade férrea faz com que mantenha sua agenda e sua ação, mesmo que o senso comum diga, alto e forte, que ele está debilitado e que não resiste mais à rotina de Pastor dos cristãos. Mostra-nos, a cada dia, que o senso comum está equivocado e que a fé move, sim, grandes montanhas.

Orgulho-me de ser político-cristão, católico, e de ter como líder o emblemático João Paulo II, que, já ao nascer, parecia estar predestinado a amenizar o sofrimento de seus irmãos. Que Deus lhe dê vida e saúde, que a sua messe seja mais longa! Que Deus o ilumine e abençoe, para que, por meio das suas bênçãos, possa Sua Santidade nos abençoar, a nossa Igreja, os cristãos do mundo inteiro e toda a humanidade. Muito obrigado.







## *Senador Marco Maciel*

Exm<sup>o</sup> Sr. Senador José Sarney, Presidente do Congresso Nacional e Presidente do Senado Federal; Exm<sup>o</sup> Sr. Deputado Federal Inocêncio Oliveira, Presidente em exercício da Câmara dos Deputados; Revm<sup>o</sup> Dom Lourenço Baldisseri, Núncio Apostólico do Brasil e Decano do Corpo Diplomático, ao saudá-lo, também saúdo os Embaixadores aqui presentes, representados e os Srs. Cônsules; Revm<sup>o</sup> Cardeal Dom Geraldo Majella Agnelo, Arcebispo Primaz e Presidente da CNBB; Revm<sup>o</sup> Cardeal Dom José Freire Falcão, Arcebispo de Brasília; Revm<sup>o</sup> Cardeal Dom Cláudio Hummes, Arcebispo de São Paulo; Revm<sup>o</sup> Cardeal Dom Eusébio Scheid, Arcebispo da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro; Revm<sup>o</sup> Cardeal Dom Eugênio de Araújo Salles, Arcebispo emérito da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro; Senador Siqueira Campos, Segundo-Vice-Presidente do Senado Federal, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, Sr<sup>as</sup> e Srs. Deputados, as datas de passagem exercem enorme fascínio e são geralmente percebidas como eventos inaugurais de uma nova era.

O desenrolar do tempo histórico caracteriza-se, como se sabe, pela interposição de três unidades distintas — passado, presente e futuro — que se integram numa única dimensão.

Foi isso o que certamente levou Gilberto Freyre a dizer, em seu livro “Além do apenas Moderno”, ser o tempo “tríbio”, expressão cunhada com o “sen-

tido de ligar-se mais sistematicamente o tempo futuro ao já vivido e ao vivente, estes como potencialmente futuros; enquanto os tempos futuros seriam, não improvisos absolutos no vácuo, porém projeções de tempos já vividos e de tempos viventes. O tempo, conclui o autor, seria “sempre tríplice, sempre plural; sempre composto e complexo; sempre síntese de três vidas coletivas”.

Assim a humanidade jamais está só no presente. Isso nos ocorre pensar quando sobretudo ultrapassamos um século e vemos desabrochar novo milênio, o terceiro da era cristã.

Tempos de mudança de paradigmas, marcados, portanto, por uma grande aceleração histórica, fruto de uma nova onda globalizadora, talvez mais densa e intensa do que a observada no período do Renascimento.

É inserido nessa moldura de circunstâncias, que o Cardeal Karol Wojtyła é chamado pelo Colégio Cardinalício, por inspiração do Espírito Santo, para Pontífice da Igreja Católica Apostólica Romana.

Já se disse alhures, “nada é coincidência, tudo é providência”.

Sua vocação religiosa se revela na juventude e amadurece como trabalhador; exerce o sacerdócio numa Igreja clandestina, posto que sua Polônia vive sob a ocupação do nazismo e depois sob o regime comunista experiências jamais conhecidas por qualquer Papa. Atleta até a maturidade, João Paulo II é, a um só tempo, escritor e poeta, homem de pensamento e ação, doutrinador, esteta, poliglota, teólogo e, mais, portador do dom da graça: o carisma.

Wojtyła é carismático porque nele se concretizam, de uma só vez, a fascinação que enleva o povo, fruto das qualidades inatas que as desenvolveu e faz transpirar uma aura quase sobrenatural, pronta a comunicar-se com os outros, mormente os pobres, injustiçados e desvalidos. Porque em Wojtyła, o Destino como já observara Santo Agostinho coincide substancialmente com a vontade do próprio Deus.

João Paulo II começa seu Pontificado atento ao fato de que destino e desígnio lhe conferiram um transcendente papel histórico, sintetizado em sua parêmia pessoal: “O caminho da Igreja é o homem”.

Portador de ampla visão, capaz de interpretar os fatos e antecipar-se ao futuro, virtudes imanentes aos autênticos líderes e pastores, ao Papa João Paulo se alia uma singular percepção da política, esta entendida “como ciência, virtude e arte do bem comum” na percuciente definição de Alceu Amoroso Lima.

Ele parece singularmente encarnar três notáveis vultos da vida da Igreja. Em sua estuante personalidade, João Paulo é Pedro, é João, é Paulo.

Wojtyła se define, antes de tudo, como Pedro: aquele a quem incumbe a missão de continuar a edificar a Igreja “Mãe e Mestra”, firmando sua primazia e autoridade de Sumo Pontífice. O Vigário de Cristo rege e administra, na colegialidade dos Bispos, a Igreja inteira e deseja exercitá-la até o último suspiro,

conforme expressou por ocasião de seus vinte e cinco anos de Pontificado.

De forma resoluta e serena, segura seu cajado e enfrenta os desafios da missionariedade, mesmo quando não compreendido, sem receio de insistir nos valores que se fundam no testemunho dos evangelhos. *Duc in altum* é o seu desafio aos cristãos, mandando-os avançar “mar adentro”, como proclama na Carta *Tertio millennio adveniente* [Na entrada do terceiro milênio]: pois Cristo é a “meta da história”. E assim, corajosamente, zela, como Pedro, para que o tesouro da fé seja proclamado em sua integridade e preservado de interpretações que distorçam seu verdadeiro conteúdo.

“Ao chegarmos ao final do segundo milênio afirma o Papa, talvez precisemos, mais do que nunca, das palavras de Cristo ressuscitado: Não tenham medo!”. É necessário que, em sua consciência, retome vigor a certeza de que existe Alguém que tem nas mãos a sorte deste mundo que passa; alguém que tem as chaves da morte e do além; alguém que é o Alfa e o Ômega da história do ser humano.

Sua mensagem nem sempre é adequadamente compreendida e apreendida: com freqüência se busca fazer uma leitura descontextualizada ou, talvez, ideologizada de seu magistério, ora quando ele denuncia, por exemplo, os males do capitalismo, critica o apelo à violência, ao terrorismo e à guerra; ora quando defende o direito à vida e procura fortalecer a família, que ele a define como a “Igreja Doméstica”.

Mas se João Paulo é Pedro o “Grande Pescador” que deve conduzir, por imposição divina, a nau da Igreja nas agruras tempestuosas do presente, ele quis ser também, por imposição a si próprio, a expressão de dois outros Apóstolos, João e Paulo.

Seus cognomes pontifícios esclarecem que exercitaria a missão salvífica que lhe fora confiada, com a ternura de um João Evangelista.

João, “o discípulo amado”, considerado o mais teológico dos Evangelistas, prega o evangelho da pessoa de Jesus, fazendo sobressair, dentre seus temas dominantes, a última ceia, durante cujo ritual o vinho foi o símbolo do sangue e do sacrifício da própria vida de Jesus dada em redenção, com a qual queria permanecer fisicamente presente, pelo milagre da Eucaristia. E em suas palavras, João reitera: que os mandamentos todos se resumem num só o mandamento do amor, e que o amor a Deus somente se pode alcançar pelo amor ao próximo.

Semelhantemente também, toda ação pastoral do Papa João Paulo II, enquanto a saúde lhe permitiu, beijava o solo áspero dos países que visitava, tão logo descia do avião, numa primeira e singular demonstração de afeto pelo seu povo.

Longe de criar distâncias e inacessibilidade, João Paulo II - para nós

João de Deus - acolhe a todos, osculando crianças e abraçando pessoas simples, incultas e pobres, fazendo brotar a vida em todos que se tornam íntimos pela arte do encontro. De sua palavra promana recorrentemente, em vez da avassaladora "cultura da morte", uma exortação à construção de uma "civilização do amor".

Mas o Papa, se é Pedro, também é Paulo, o judeu Saulo, em hebraico; o Paulo de Tarso, de cidadania romana "Apóstolo de Jesus Cristo, por vontade de Deus". Apaixonado por Aquele a quem perseguira, por Ele viria Paulo a enfrentar centenas de quilômetros, "por mar e por terra, em perigo de rios, em perigo nas cidades e nos desertos, em trabalhos e fadigas" tudo arrostando pelo desejo de levar *urbi et orbi* a mensagem da Igreja. Paulo, aquele que pregou no Areópago de Atenas e empreendeu inúmeras viagens, no mundo então conhecido. São Paulo, "o apóstolo das gentes", talvez deva ser classificado na semântica dos novos tempos como o primeiro "cidadão global" se me permitem a expressão um verdadeiro "global player".

João Paulo II é também um Papa peregrino: percorreu todo o mundo e falou nos modernos areópagos da nossa era. Na Organização das Nações Unidas e nos mais diferentes fóruns e parlamentos onde levou a sua mensagem, erguendo, qual um novo Isaías, a sua voz, aviventando valores como os da liberdade e dos direitos humanos. Pois "liberdade e verdade ou andam juntas afirmou ou estão miseramente condenadas a juntas perecerem".

O Papa, com autoridade, profliga os regimes totalitários de todo o gênero e, ante a catolicidade universalizante da Igreja Romana, verbera contra uma globalização, assíncrona e excludente. Pois somente a solidariedade humana é fonte de todos os direitos e da ordem social.

O Papa volve, consoante preconiza o Concílio Vaticano II, seu olhar para o convívio ecumênico e intensifica o diálogo interreligioso.

Reuniu-se com rabinos, imames e patriarcas; orou em mesquitas e sinagogas, sendo o primeiro Papa a fazê-lo. Em Jerusalém, cidade santa, sede de três religiões monoteístas, fala aos judeus, "irmãos mais velhos na fé" e deixa, no muro das lamentações, um documento expiatório pelos erros da Igreja; visitou e recebeu chefes de Igrejas e líderes religiosos, rezando com eles pela paz e pela justiça. Não esqueceu de procurar, de um modo especial, a união com as Igrejas dissidentes, com as Ortodoxas, reunindo-se com o Patriarca Grego, com o Arcebispo da Igreja Anglicana, e expressou desejo de dialogar com o Patriarca da Igreja Russa. Preconiza também o Papa, na mesma linha, a inculturação da fé, vez que, para quem "a fé não se torna vida, não se insere na realidade de um povo, se não é traduzida em sua cultura, isto é, em suas autênticas tradições, com seus valores, em suas legítimas expressões religiosas".

João Paulo exercita, também, com inextinguível zelo, a ação profética. O profeta, convém repetir, não é apenas aquele que recorda o passado, decifra

o futuro e anuncia a primavera cristã. É igualmente aquele que denuncia os vícios da atualidade.

Em discurso no Parlamento Italiano, em novembro do ano passado, o Papa lembrou que “os desafios que se apresentam a um Estado democrático exigem de todos os homens e mulheres de boa vontade, independentemente da opção política de cada um, uma cooperação solidária e generosa na edificação do bem comum...” A este propósito, “admoestava contra o risco da aliança entre democracia e relativismo ético, que tira à convivência civil qualquer ponto de referência moral seguro e, mais radicalmente, priva-a da verificação da verdade. Uma democracia sem valores converte-se facilmente num totalitarismo aberto ou dissimulado, como a história demonstra”.

Por isso mesmo, salienta, com propriedade, que “os fiéis leigos não podem, de maneira nenhuma, abdicar de participar na 'política', ou seja, na múltipla e variada ação econômica, social, legislativa, administrativa e cultural, destinada a promover, de forma orgânica e institucional, o bem-comum”.

O desenvolvimento científico-tecnológico que se verifica em nosso tempo mereceu o reconhecimento do Papa pelas janelas que abre para o progresso do mundo e os benefícios que traz à humanidade. A par de exaltar conquistas tão relevantes, João Paulo II não deixa, contudo, de advertir a obrigação de governos e da comunidade científica com respeito à necessidade de que a toda “ciência deve corresponder uma consciência, a toda a técnica uma ética, pois não se pode deslembrar o primado do homem sobre a matéria”.

Sr. Presidente, por fim, é rico o testemunho de vida que, em face da doença, oferece o Papa. Vítima do atentado que tanto o debilitou e a cujo agressor concedeu generoso e sincero perdão, João Paulo inscreve-se na história permitam-me a incursão no campo da hagiografia como uma figura ornada com a singular peculiaridade de possuir em vida “a coroa dos justos”, somente reservada aos mártires. O sangue dos mártires é o sangue do Cristianismo, já proclamava Tertuliano. Também podemos dizer que o sangue dos mártires é, portanto, semente da vida. João Paulo II, mártir-vivo, é exemplo a inspirar a todos cristãos e não-cristãos, tenham ou não fé. A caridade é também uma virtude heróica. Assim como acontece com os nossos heróis, que tanto apreciamos e ajudam a elevar a nossa estima, João Paulo II, com seu exemplo, faz-se, por isso mesmo, íntimo de todos nós.

Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Deputados e Senadores, eminentes Cardeais, Srs. Bispos, Arcebispos, representantes do Corpo Diplomático, senhoras e senhores, o Parlamento, já se disse, é a palavra da Nação. Esta sessão solene, gratulatória, certamente é a melhor demonstração de que a linfa do cristianismo aqui vicejou e pervadiu todo o nosso povo. O País nele se une, crentes e não crentes, em afetuoso e cálido reconhecimento pela contribuição

que ele oferece ao mundo em favor dos perenes valores da liberdade e da vida, da justiça e da paz.



## *Núncio Apostólico Dom Lourenço Baldisseri*

Sr. Presidente, estou particularmente honrado, na qualidade de Núncio Apostólico no Brasil, de participar desta sessão do Congresso Nacional em homenagem a Sua Santidade João Paulo II pelo seu 25º aniversário de Pontificado.

Em nome do Santo Padre, expresso profundamente gratidão ao Presidente José Sarney e ao Congresso Nacional da República pela iniciativa.

Sua Santidade João Paulo II está no coração de todos os brasileiros, que exultaram nas três inesquecíveis visitas pastorais ao Brasil. E posso garantir que o Santo Padre ama os brasileiros e o País.

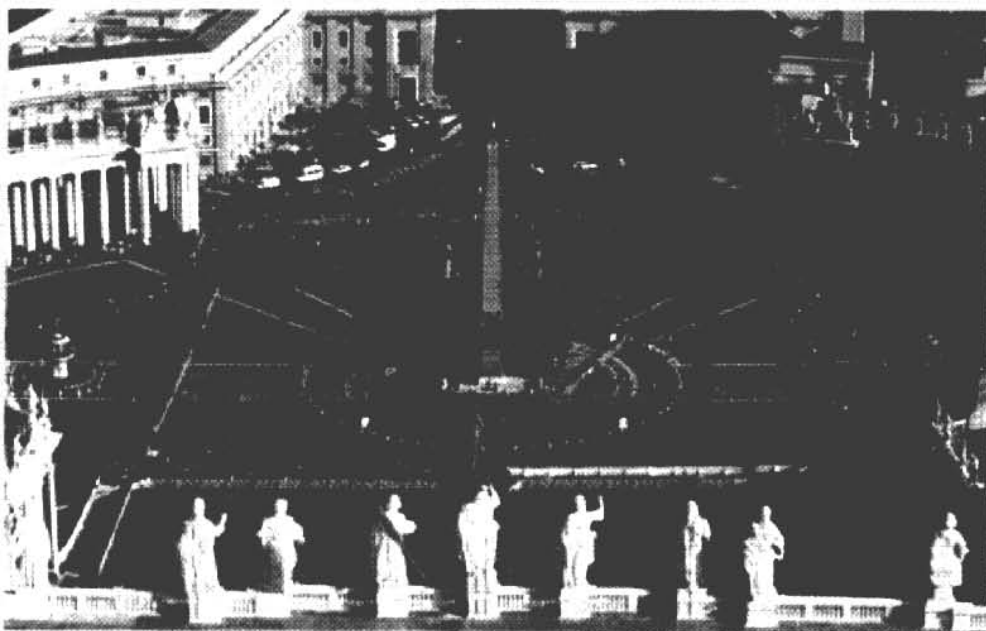
A estatura deste Pontífice marca profundamente o sulco da história contemporânea e representa, com certeza, uma referência necessária e ineludível para o futuro.

Sua ação ao interior da Igreja e no mundo o qualifica como um dos maiores protagonistas desses últimos lustros, abrindo um terceiro milênio à esperança, não obstante conflitos, lacerações e misérias que abrangem a humanidade inteira.

Sua coragem tem o vigor da fé e a força do amor até o fim. Somos todos gratos por sua ação e por seu testemunho. Sr. Presidente, Srs. Senadores, Srs. Deputados, altas autoridades eclesiásticas, Embaixadores, amigos, reitero meus mais sinceros agradecimentos e formulo

os melhores votos de sucesso a este Congresso Nacional nos seus objetivos e  
augúrios de progresso e de paz ao Brasil.





## *Senador José Sarney*

Antes de encerrar esta sessão e tendo a honra de presidi-la, quero agradecer, em nome do Senado Federal, da Câmara dos Deputados e do Congresso Nacional, a presença honrosa dos Srs. Cardeais Dom Geraldo Majella Agnelo, Arcebispo Primaz do Brasil e Presidente da CNBB, de Dom José Freire Falcão, Arcebispo de Brasília, de Dom Cláudio Hummes, Cardeal Arcebispo de São Paulo, de Dom Eusébio Scheid, Arcebispo do Rio de Janeiro, de Dom Eugênio de Araújo Salles, Arcebispo Emérito do Rio de Janeiro, do Sr. Núncio Apostólico Dom Lourenço Baldisseri, dos Srs. Embaixadores, dos Srs. Arcebispos, Bispos e autoridades eclesiásticas que aqui se encontram, de todos os membros do Conselho Permanente da CNBB, de todos os que compõem a Comissão Episcopal de Pastoral Consep, dos Srs. Senadores e Deputados, das senhoras e dos senhores que honram esta sessão.

Eu também desejo agradecer à rede que desejou transmitir esta sessão, composta por 53 emissoras de rádio, e a algumas emissoras de TV a cabo, que quiseram associar-se ao nosso sistema de divulgação do Senado Federal para transmitir esta sessão que estamos realizando.

Finalmente, desejo dizer algumas palavras, ao término dos nossos trabalhos. Lembro que, no dia 16 de outubro de 1978, em um momento de tristeza para a Igreja, que perdera, em dois meses, Paulo VI e João Paulo I, o mun-

do descobriu a extraordinária figura de Karol Wojtyła. Apesar das grandes diferenças de personalidade entre seus quatro antecessores, ninguém estava preparado para que de Cracóvia surgisse um teólogo, um poeta, um intelectual, um homem de ação, um líder carismático extraordinário para a humanidade do século XX. O que ele trouxe para o mundo foi, no sentido profundo do seu "entusiasmo", o que ele chamou "fôlego de Deus": o seu carisma.

Para assinalar os 25 anos do seu Pontificado, João Paulo II escolheu a beatificação de Teresa de Calcutá, e abriu a homilia do dia com o registro de que seu caminho era "um itinerário de amor e de serviço". Esse também poderia descrever o esforço incansável desses anos, que agora se revelam na superação da doença, das limitações do corpo pelo espírito, em que sentimos verdadeiramente a mão de Deus. Assim compreendemos quando diz que todas as suas orações e todas as suas ações "foram animadas por um único desejo: testemunhar que Cristo, Bom Pastor, está presente e age na sua Igreja".

O Papa João Paulo II chegou num momento em que a Guerra Fria parecia levar ao confronto inevitável entre o comunismo e o capitalismo, com um desfecho trágico para a humanidade: o do confronto com armas nucleares. Negando as duas faces do materialismo, o do Estado concentracionário, que colocava o Estado como uma religião, e o do Estado liberal, com o seu culto pelo lucro e pelo sucesso, Sua Santidade se movimentou politicamente, tendo um papel decisivo nos fatos que levaram à liberdade da sua Polônia e à mudança da divisão do mundo, que era física e também virtual.

João Paulo II é, desde o primeiro instante, e se revela o grande mensageiro da fé. O papel da religião na vida dos indivíduos vinha diminuindo, apesar dos grandes esforços de modernização litúrgica do Concílio Vaticano II. Seu papel de missionário começou pela própria Igreja, no fazê-la voltar-se totalmente para Deus, para uma fé verdadeira. A fé, base do homem, como dizia Pascal, incompreensível, inexplicável, inexprimível, mas necessariamente vivida, criadora da vida, da vida humana considerada em plenitude. Fé expectante, voltada para a proximidade de Deus na vida eterna, mas voltada também para a possibilidade cotidiana de ver o Seu retrato no próximo, na dimensão espiritual de cada uma de nossas ações. Fé de testemunho, papel do Evangelizador.

Os 25 anos são marcados pela ocupação de uma presença dominante: mais de 100 viagens internacionais, 14 encíclicas, 1.315 beatificações, 476 canonizações, mais de 17 milhões de pessoas recebidas nas audiências de quarta-feira, multidões incalculáveis abençoadas mundo afora, no reacender da fé que traz sempre a presença dele, que sempre foi o grande Pastor. Foram quase mil encontros com chefes de Estado e de Governo e aqui me incluo humildemente.

Tive a honra de poder visitar o Papa enquanto Presidente da República. Foi um momento inesquecível de minha vida, da vida da minha família. Guardo as palavras e os gestos generosos que teve conosco, inclusive com minha mãe que, se é possível, o segue com uma devoção maior que a de todos nós.

A generosidade é, e permanecerá, uma marca da vida de João Paulo II. Ainda Arcebispo de Cracóvia, promoveu a troca de mensagens entre os bispos poloneses e alemães, o “perdoar e ser perdoado”. Essa forma de reconciliação foi estendida a todos os que, com maior ou menor razão, tinham diferenças com a Igreja Católica entre esses, o grande reconhecimento simbólico de Galileu.

A convivência entre as religiões, promulgada pelo Concílio Vaticano II, foi colocada em prática pelo Papa com esse sinal de generosidade e humildade. Da ONU às mais distantes sociedades e povos ele apresentou ao ocidente sob o manto de Jesus. Não calou em nenhum momento, nem cala, em sua busca incansável da Paz, em sua denúncia da mais trágica das realidades humanas, a guerra. Não aceita e não nos deixa aceitar a idéia de que há guerras justas.

Na fraqueza e no grave momento da doença, mais uma vez é com generosidade que nos faz dom de sua presença. Mas ele vai além, e responsabiliza as orações de todos por esta força com que o Espírito Santo parece sair das palavras dolorosamente ditas, das preces que ainda faz.

Preces ao Senhor, preces pela intercessão da Mãe de Deus, a que dedicou, informal e formalmente, seu sacrifício. É constante e presente sua prece à família e aos jovens. Nestes, João Paulo II coloca sua confiança, a eles se dirigindo: “Vós sois o futuro do mundo; vós sois a esperança da Igreja.” Entrega-os na mão de Nossa Senhora, dirigindo sua oração: “Confio-os a ti, ó Maria, que és a juventude perene da Igreja”.

Aqui estamos reunidos como políticos, Câmara dos Deputados e Senado Federal, para uma comunhão de celebração, como católicos e como irmãos.

O que nos une é a fé. O que nos justifica neste instante é louvar a Deus, que nos fez testemunhas e nos deu a graça da vida, no momento em que Ele entregou a Sua Igreja a um homem tão rico de virtude, expressão daquilo que São João disse: que Cristo amou os homens até o fim.

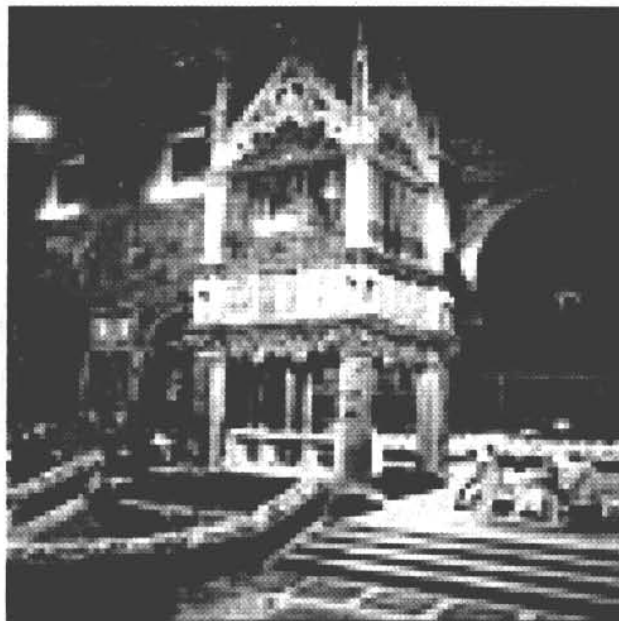
E um dos momentos do Seu amor, pela humanidade e por nós, foi entregar-nos 25 anos do Pontificado de João Paulo II.

Ele marcou estes tempos pela força de sua fé. Pelo exemplo de sua vida. Pelo vigor do seu apostolado.

Aqui estamos reunidos para lembrar seu Pontificado e para testemunhar que sua vida foi uma bênção de Deus a todos os homens, à humanidade, à História da Igreja.

Bênção de Deus que nos escolheu para vivermos estes tempos,

em que podemos tê-lo como Pastor, e dizer: João de Deus.



## *Senadora* *Serys Slhessarenko*

Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, neste mês de outubro, a Igreja Católica celebra os 25 anos de pontificado de João Paulo II. Em dois mil anos de cristianismo, apenas quatro papas comandaram a Igreja Católica por mais de 22 anos e João Paulo II é um desses papas. Nada mais justo, portanto, do que este Senado se juntar às homenagens que se fazem, pelo mundo afora, à figura do querido Papa.

No final dos anos 70, João Paulo II impressionava a todos e levantava as massas com a sua figura atlética, de largos gestos, se firmando como um pastor disposto a conquistar o mundo com o carisma do seu apostolado.

Hoje em dia, a figura velha e alquebrada do Papa João Paulo II continua levantando-se quando todos pensam que vai cair e deixando mensagens que marcam o mundo e a humanidade, diante de situações críticas.

Certamente, João Paulo II é e será sempre um Papa inesquecível. Deixando inúmeros documentos escritos, seu pensamento ainda acompanhará a Igreja por um bom tempo. Sua figura um tanto contraditória provocou adesões apaixonadas dos que sentiram que finalmente estavam reencontrando sua identidade católica, perdida nas ondas secularizantes do Concílio Vaticano II.

Por outro lado alguns sofreram bastante com suas normas disciplinares e a sensação de que a Igreja recuava com relação ao Concílio Vaticano

II e andava para trás no terreno já conquistado. Todos nós sabemos dos muitos conflitos que os posicionamentos de João Paulo II tiveram sobre aquelas lideranças católicas que, aqui no Brasil, se alinhavam com a Teologia da Libertação.

No entanto, ao celebrar esses 25 anos de pontificado, não podemos ficar, nós, católicos ou não, apenas ao nível epidérmico do que nos agrada mais ou menos.

Cabe-nos olhar esse longo pontificado, contemplar a figura sofrida e alquebrada desse velho homem e sentir: "É bom ter um Papa que se comporta desta forma, sempre tão magnânimo no que se refere à sua compreensão das fraquezas humanas".

Neste seu longo apostolado, João Paulo II soube desenvolver uma pregação voltada para a globalização da solidariedade. Dessa forma, ele tem defendido que povos necessitados de crescimento solidário e subsidiário, devem saldar suas dívidas sociais através da inclusão social de sua população.

Países em desenvolvimento emergente, como o Brasil, dependem da tecnologia, das leis de capital e mercado globalizado, impostas por esses grupos e governos dos países ricos. Nem sempre conseguem gerar ocupação e renda para 'os filhos da casa' que anualmente são lançados no mercado de trabalho, sem capacitação e quase sem oportunidades.

João Paulo II deixa, por tudo isto, um legado importante à Igreja que governou durante todos esses anos. Importante sob todos os pontos de vista. Mas certamente, há alguns aspectos sob a luz dos quais haveria que entender sua figura e sua missão mais do que outros:

O primeiro grande legado de João Paulo II é o seu carisma: talvez seja ele o Papa mais carismático que já houve em toda a história da Igreja, pelo menos no segundo milênio.

Sua figura atrai jovens e adultos, crianças e velhos, convertendo-se no único líder mundial num momento em que a humanidade, combalida por guerras e divisões de todo tipo, necessitava ardentemente de um porta-voz, um líder em quem pudesse confiar. E João Paulo II certamente é esse líder, com um carisma raro e uma comunicação fluida e fácil com todos os tipos de público.

O segundo grande legado de João Paulo II é a transparência: desde que começou seu pontificado, o nosso Papa nunca foi homem de meias palavras. Sempre deixou muito claro quem é, como entende sua missão, o que pretende.

Essa transparência lhe valeu não poucos inimigos, mas também a admiração e o apoio de muita gente que inclusive se reaproximou da Igreja devido a seu estilo de ser Papa.

Outro importante legado de João Paulo II é a sua coragem: certamente este Papa ficará na memória da humanidade como uma figura de grande coragem.

Em nenhuma das situações espinhosas e duras que teve que enfrentar em seu pontificado, se viu João Paulo II acuado e com medo. Nem sequer depois do terrível atentado que sofreu. Muito menos depois da doença que o acometeu e lhe foi minando paulatinamente as forças.

Cada dia João Paulo II é visto mais desassombrado e consciente de sua missão pastoral, nunca recuando diante de nenhum obstáculo, nenhuma distância para percorrer o mundo pregando o Evangelho.

Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, a figura de João Paulo II merece muitas outras referências. Entre os muitos méritos de seu pontificado é preciso pôr em relevo a sua mensagem de solicitude pelos excluídos.

O Santo Padre, com efeito, nos exorta a amar a todos e a incluir no mesmo amor fraterno os que são marginalizados pela sociedade.

Suas lições nos ensinam, à luz do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, a superar todas as formas de exclusão.

Há excluídos dos bens da terra porque se encontram na miséria, passando fome e sofrendo enfermidades. Infelizmente nosso tempo não alcançou ainda a superação da desigualdade social e das injustiças clamorosas.

Devemos pensar e nos solidarizarmos com os bilhões de seres humanos que não possuem um nível digno de vida e que padecem desnutrição, falta de água e condições higiênicas. As conseqüências são dramáticas, especialmente para as crianças que não se desenvolvem, vítimas da deficiência física e mental. A miséria, fruto da injustiça, se estende pelo mundo inteiro.

A palavra vigorosa do Santo Padre reafirma a dignidade de toda pessoa e as exigências da fraternidade cristã.

Desde os primeiros meses de sua pregação profética em Puebla, no México (1979), João Paulo II vem suscitando na Igreja a consciência maior da prática da caridade.

João Paulo II entende e defende que é a caridade que deve presidir a transformação da sociedade iníqua e gerar a partilha fraterna e as políticas públicas da promoção humana em todas as nações.

Firme tem sido a exortação do Santo Padre insistindo na "opção evangélica e preferencial pelos pobres", como sinal e prova da universalidade do amor cristão. Sua preocupação de Pastor se estende às crianças abandonadas, à mulher marginalizada, aos desempregados e a todos os desfavorecidos.

A palavra do Santo Padre tem sido de permanente abertura a todos, na estima e no respeito à diversidade, incentivando o diálogo, a salvaguarda da liberdade religiosa, a reconciliação entre os povos. Basta recordar o ensinamento do Papa João Paulo II em favor dos migrantes, dos exilados e perseguidos, promovendo a acolhida fraterna e o empenho na compreensão recíproca. Suas encíclicas e exortações reafirmam os princípios básicos de convivência humana de supera-

ção da violência e do recurso às armas e a construção de uma humanidade na concórdia e na paz.

A pregação do Papa João Paulo II tem sido incansável no sentido de convocar a todos para o perdão das ofensas e a reconciliação fraterna. A encíclica sobre a Misericórdia Divina e o exemplo de ter perdoado a Mehemet Ali Agca, que tentou contra sua vida, demonstram o anseio de construir a paz, incluindo na concórdia também os que fazem o mal a nós e ao próximo. Aqui se encontra a base mais firme para vencer a exclusão: é o amor que elimina o ódio e restabelece a estima, o respeito e a paz.

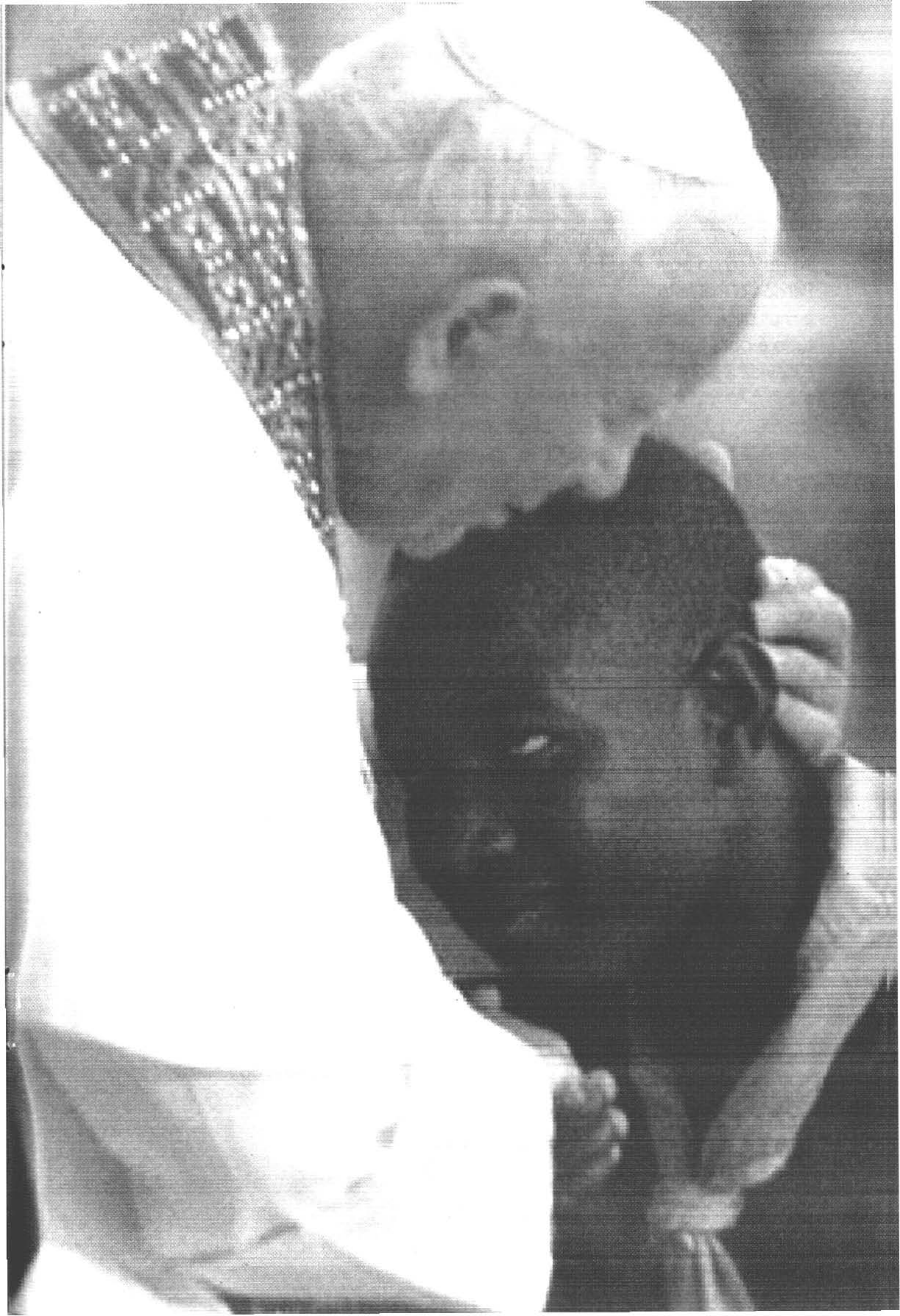
A história da humanidade conservará para sempre os esforços do Santo Padre para o entendimento entre os conflitantes na Terra Santa, para a rejeição da guerra no Golfo e no Iraque e a busca de soluções pacíficas.

Por tudo isto, Sr. Presidente, quero registrar aqui minhas respeitadas homenagens ao Santo Papa João Paulo II, que entendo são homenagens que contam com o apoio de todos, senadoras e senadores, com assento nesta Casa.

Que Deus continue iluminando João Paulo II e nos dando o conforto de sua presença e de sua pregação!

Obrigada.





## *João Paulo II faz Oração de Gratidão no Jubileu*

A Ti, Senhor Jesus Cristo,  
único Pastor da Igreja,  
ofereço os frutos destes  
vinte e cinco anos de ministério  
ao serviço do povo que me confiaste.  
Perdoa o mal feito  
e multiplica o bem:  
tudo é obra tua e unicamente a ti  
é devida a glória.

Preserva-os no amor,  
reúne-os no teu redil, carrega  
sobre os teus ombros os débeis,  
cura os feridos,  
sê solícito com os fortes.  
Sê o seu Pastor,  
para que não se percam.

Enche com a luz e com o poder  
do teu Espírito  
todos os que destinaste  
como chefes do teu rebanho:  
cumpram com arrebatamento  
a sua missão de guias,  
mestres e santificadores,  
na expectativa da tua vinda gloriosa.

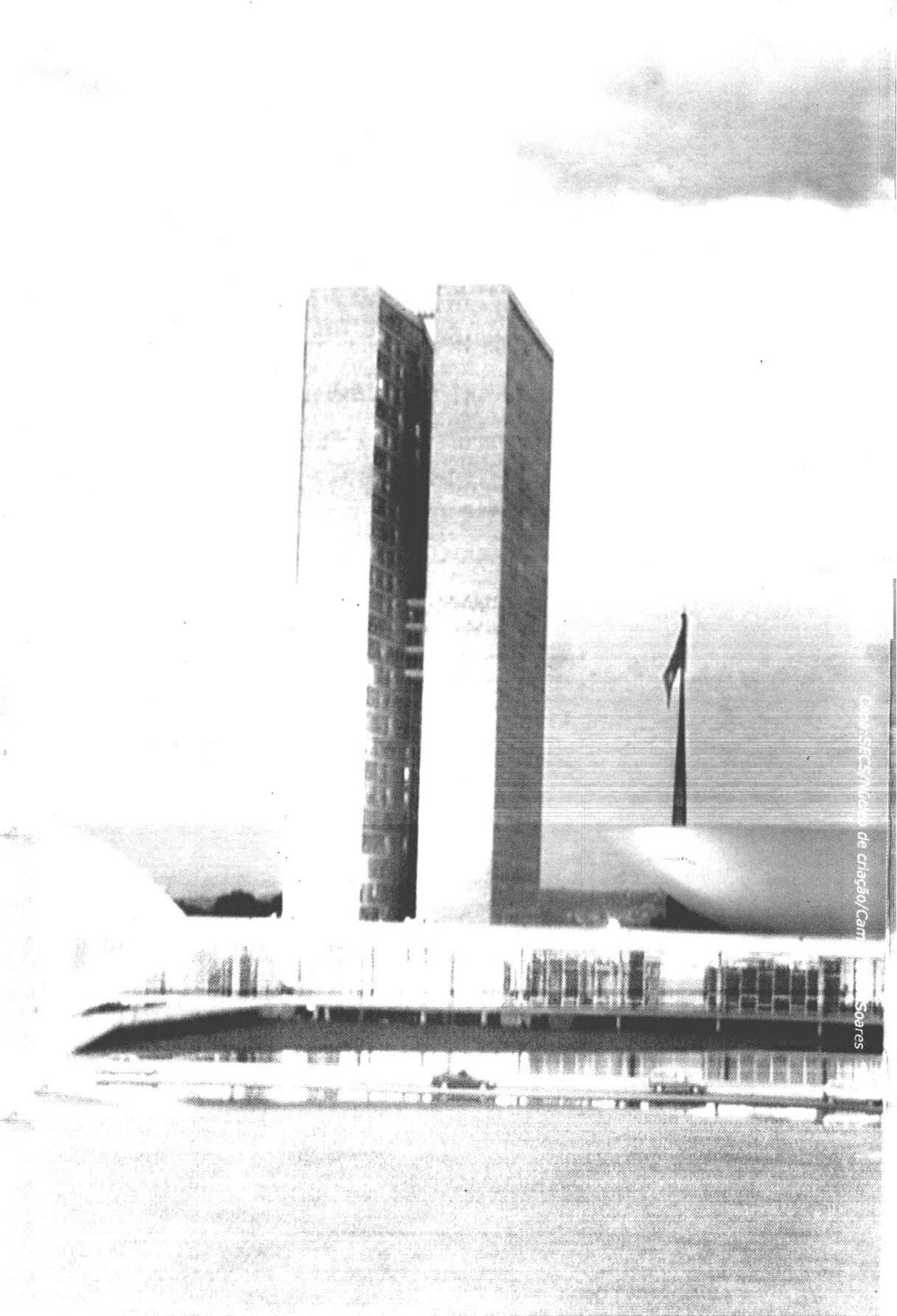
Pastor Supremo, permanece  
entre nós, para que possamos  
caminhar contigo firmes,  
rumo à casa do Pai. Amém!

Com plena confiança  
na tua misericórdia,  
apresento-te de novo, hoje,  
aqueles que há anos confiaste  
aos meus cuidados pastorais.

Protege a amada Igreja  
que está em Roma e as Igrejas  
de todo o mundo.

Renovo-te, pelas mãos de Maria,  
Mãe amada, o dom de mim próprio,  
do presente e do futuro:  
tudo se realize segundo  
a tua vontade.





Capit. SECS/Núcleo de criação/Cam

Soares